

MEMÓRIA GUSTATIVA E IDENTIDADES: DE PROUST À COZINHA CONTEMPORÂNEA

Mariana Corção

A importância dos estudos das memórias sociais e coletivas no período contemporâneo está comumente suportada como sendo fatores primordiais para a constituição de identidades. A proposta do presente texto é aliar considerações a respeito desses conceitos: memória, recortada no âmbito gustativo, e identidade, termo em constante revisão, tanto quanto suas possíveis atuações.

1 MEMÓRIA: INTERSECÇÃO ENTRE PASSADO E FUTURO

Mas no mesmo instante em que aquele gole, de envolta com as migalhas do bolo, tocou o meu paladar, estremei, atento ao que se passava de extraordinário em mim. Invadira-me um prazer delicioso, isolado, sem noção da sua causa (...) tal como faz o amor, enchendo-me de uma preciosa essência: ou antes, essa essência não estava em; era eu mesmo. (...) De onde vinha? O que significava? Onde apreende-la? (...) De ponho a taça e volto-me para o meu espírito. É a ele que compete achar a verdade. Mas como?¹

A citação de Proust demonstra que o entendimento da realidade a partir do desenvolvimento da psicanálise e psicologia, ultrapassa o que o homem é capaz de perceber concretamente. A realidade, nesse contexto, é percebida como resultado das relações entre experiências e memórias e as sensações reconhecidas pelos sentidos humanos. O fragmento do romance de Proust, *Em Busca do Tempo Perdido*, revela de que forma a sensação gustativa é capaz de ativar uma sensação que transcende o tempo no qual o indivíduo está inserido. A sensação incita o indivíduo a buscar nele próprio o que seria aquela sensação.

1.1 CONTEXTUALIZANDO O PRESENTE DO INDIVÍDUO

A percepção do tempo na obra de Proust transcende o tempo social, colocando-o numa escala subjetiva que recorre a experiências vividas para compreender as sensações do presente. O presente, nesse sentido, é posto como um ponto móvel determinado pela relação passado-futuro. A filósofa Hannah Arendt, tratando da ruptura entre passado e presente, faz considerações sobre a posição de presente na história, o qual se enquadra na perspectiva *proustniana*.

...Ele tem dois adversários: o primeiro empurra-o para frente, desde suas origens. O segundo bloqueia-lhe o caminho à frente. Ele luta contra ambos. Na verdade, o primeiro auxilia na luta contra o segundo, pois quer-lhe empurrar para frente, e da mesma forma, o segundo o auxilia na luta contra o primeiro, pois quer fazê-lo recuar. Isso é assim apenas teoricamente. Pois não há ali apenas dois adversários, senão também ele próprio; e quem conhece efetivamente suas intenções? De qualquer modo, seu sonho, que ele uma vez, em pequeno e inusitado momento sonhou, - e isto exige todavia uma noite tão escura como nenhuma outra foi - é o de saltar

¹ Citado por: COELHO, L M S. Imagens da Memória: na prova de Rorschach e na obra de Proust. *Revista Imaginário*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2, p. 47-62, 1994, p. 52.

para cima da linha do combate e, em virtude de sua experiência de luta, posicionar-se acima de seus co-adversários².

Hannah Arendt parte do conto de Kafka para refletir acerca da ruptura da tradição no período moderno percebendo o tempo segundo a filosofia de Heidegger³. O personagem, nessa perspectiva, representa o indivíduo que sofre forças advindas do passado, do dele próprio e do mundo que o antecede e da mesma forma do futuro. O passado e o futuro apresentam sentido infinito em ambas as direções, enquanto a vivência do indivíduo é limitada pela luta entre ambas forças infinitas, logo limitada por elas na direção em que o atinge. Seria uma luta equilibrada se não fosse o pensamento do indivíduo, que na concepção de Hannah Arendt é o que leva a ação. Assim, a ação reflexiva do homem é a força que rompe o equilíbrio passado futuro e faz com que o indivíduo se mova no presente. O pensamento-ação, dessa forma, possui um ponto de origem e se estende infinitamente numa direção que é dada pelo conflito das forças passado-futuro⁴.

Proust considera que o passado constitui o presente. O passado, por sua vez, é constantemente modificado pelo presente, o qual é interpretado pelo indivíduo, atento aos elementos concretos. A realidade resulta do diálogo entre o concreto percebido pelo indivíduo e as representações mentais do passado e da interpretação do presente, as quais são reconstruídas constantemente.

1 2 MEMÓRIA GUSTATIVA: NO LIMIAR DAS MEMÓRIAS VOLUNTÁRIA E INVOLUNTÁRIA

...o sabor ainda recente daquele primeiro gole e sinto estremecer em mim qualquer coisa que teriam desancorado, a grande profundidade; não sei o que seja, mas aquilo sobe lentamente; (...) Por certo, o que assim palpita no fundo de mim, deve ser a imagem, a recordação visível que, ligada a esse sabor, tenta segui-lo até chegar a mim. Mas debate-se demasiado longe, demasiado confusamente; mal e mal percebo o reflexo neutro em que se confunde o ininteligível turbilhão das cores agitadas; mas não posso distinguir a forma, pedir-lhe, como ao único intérprete possível, que me traduza o testemunho de seu contemporâneo, de seu inseparável companheiro o sabor, pedir-lhe que me indique de que circunstância particular, de que época do passado é que se trata⁵

O sabor da madeleine associado ao chá desperta no indivíduo um fragmento de memória, o qual conscientemente o indivíduo é incapaz de resgatar. A memória a qual foi despertada pelo alimento, posta no âmbito do esquecimento, não seria rememorada se assim quisesse o indivíduo. A narrativa de Proust apresenta a forma pura da memória involuntária definida por Benjamin. A partir

² Tradução de MAGALHÃES, M.B. do original do alemão em MAGALHÃES, M.B. de. *Pensamento e Ação* na Obra de Hannah Arendt. **História e Perspectivas**, Urbelândia, 24: 27-38, Jan/Jun 2001, p.32.

³ Para Heidegger a mente humana não é capaz de expressar toda a temporalidade, e para quem o “Ser-no-mundo”, adquire autenticidade apenas na repetição resoluta do seu passado. Ver: SANTOS, M S *Memória Coletiva e Teoria Social*. São Paulo: Annablume, 2003, p.137.

⁴ ARENDT, Hannah. *Entre o Passado e o Futuro*. 5 ed. São Paulo: Perspectiva, 2003

⁵ Citado por: COELHO, L M S, p. 53.

da crítica a Bergson⁶, Benjamin percebe a memória como resultado das experiências humanas, dividindo-a entre memória involuntária e memória voluntária. A diferença entre as duas reside na relação do indivíduo com o seu contexto presente e suas experiências passadas. A memória voluntária é o exercício da lembrança, enquanto a memória involuntária é resultado de reminiscências⁷.

...Aquele gosto era o do pedaço de madeleine que nos domingos de manhã em Combray (pois nos domingos eu não saía antes da hora da missa) minha tia Leôcia me oferecia, depois de o ter mergulhado no seu chá ou de tília, quando ia cumprimenta-la em seu quarto⁸

Para Proust, o sabor da madeleine constitui no único intérprete das reminiscências das representações imagéticas da mente do indivíduo despertadas pelas sensações do contexto presente. A varredura leva o indivíduo à lembrança de um acontecimento passado posto no âmbito do esquecimento.

A modernidade e a ascensão da cultura do efêmero⁹, caracteriza a relação do indivíduo com o passado com tal dinamicidade que a memória involuntária não se apresenta de forma tão pura quanto na narrativa *proustiana*. A memória involuntária, nesse contexto, tende a se entrelaçar à memória voluntária.

1.3 MEMÓRIA INDIVIDUAL E MEMÓRIA COLETIVA

Benjamin contextualiza a memória tomando sua relação entre indivíduo e contexto, Halbwachs¹⁰, por sua vez, percebe cada memória individual como uma perspectiva da memória coletiva. A publicação de *Memória Coletiva* de Halbwachs em 1968 na França, marca o início da possibilidade de inclusão da memória como fonte de análise nas ciências sociais. Associado ao pensamento de Durkheim, Halbwachs percebe as lembranças individuais como que enraizadas dentro dos diversos quadros da sociedade.

O tempo nas análises de Halbwachs é colocado como agente resultante da evasão de lembranças, constituindo um quadro imóvel. A decorrência do tempo está em conformidade com as necessidades da vida urbana, sendo sua contagem, portanto, uma percepção da estrutura social. Halbwachs suporta sua argumentação nas perspectivas das ciências sociais encabeçada por

⁶ Ver: BERGSON, H L. *Matéria e Memória*: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 1990

⁷ COELHO, L M S, *op.cit* p. 140- 141.

⁸ Citado por: COELHO, L M S, *op.cit*. p. 57.

⁹ Ver: BERMAN, M. *Tudo que é sólido desmancha no ar*- A aventura da modernidade. São Paulo: Cia das Letras, 1986.

¹⁰ HALBWACHS, M. *A Memória Coletiva*. SP: Vértice, 1990.

Durkheim que afirma : “um indivíduo isolado poderia a rigor, ignorar o tempo que se esvai, e se achar incapaz de medir a duração, mas que a vida em sociedade implica que todos os homens se ajustem aos tempos e às durações, e conheçam bem as convenções das quais são objetos”¹¹. As contribuições inovadoras de Durkheim e de Halbwachs nos estudos sociais foram possíveis com as novas teorias das ciências exatas, como a teoria da relatividade de Einstein. Os físicos Einstein e Newton concordam com a percepção de tempo como sendo uma ação universal, Einstein, em sua teoria da relatividade, inclui a posição do observador em suas considerações. A partir desse entendimento, Halbwachs afirma que o tempo é real somente a medida em que um conteúdo, isto é, quando oferece um conteúdo de acontecimentos ao pensamento. Nessa perspectiva, o tempo é percebido como limitado e relativo, porém tendo uma realidade plena¹², inaugurando, assim, uma compreensão social do tempo.

Ao compreender o tempo como decorrência da dinâmica social, Halbwachs eleva a memória individual ao mesmo patamar, como também elemento que dialoga com o social. A memória individual, segundo Halbwachs é uma perspectiva possível da memória coletiva, na medida em que uma lembrança individual só é legitimada se tiver embasamento no “mundo concreto” - no mundo que está alcance do coletivo ou remete a uma representação coletiva de uma mesma lembrança.

1 4 MEMÓRIA GUSTATIVA E TRADIÇÕES

A memória gustativa está associada ao cotidiano dos indivíduos. Alimentar-se no contexto de estudo da memória gustativa, é entendido como uma ação que engloba diversos aspectos sociais, tais como nutrição, economia, tradição, inovação, entre outros. O universo alimentar é entendido como uma categoria histórica¹³ que da mesma forma que outros microcosmos das práticas sociais, “não é somente das inovações, das aquisições, das criações, é também dos desaparecimentos, das perdas, das destruições”¹⁴. O filtro do tempo posto em meio à dinâmica social, nessa perspectiva, releva algumas práticas e concomitantemente coloca outras práticas às margens.

A ação selecionadora de elementos resistentes do filtro do tempo associa-se a elementos residentes na memória coletiva. Para Halbwachs a memória coletiva “retêm do passado somente aquilo que ainda está vivo ou capaz de viver na consciência do grupo que a mantêm”¹⁵. Desta forma, permanece uma relação entre passado e presente.

¹¹ *Ibid.* p.90

¹² *Ibid.* p.130.

¹³ ver: SANTOS, C. R. A dos, *Por uma história da alimentação*. História: Questões & Debates, Curitiba, v.14, n 26/27, p.154-171, jan/dez, 1997

¹⁴ REVEL, JEAN-FRANÇOIS. *Um Banquete de Palavras*. SP: Cia das Letras, 1996,p.314-315.

¹⁵ HALBWACHS, M. *op. cit.* pp.81 e 82.

Posta no presente, a memória se associa à repetição de práticas para que sua permanência seja viabilizada. Hobsbawm percebe a repetição como é necessária para o estabelecimento de continuidades¹⁶. Considerando que as forças do passado e futuro possuem sentidos distintos entre si, se cruzando dessa forma, há um embate que exige pensamento-ação para que não se perca referenciais de algum eixo determinante do ponto presente. Na introdução de *A Invenção das Tradições*, Hobsbawm coloca os costumes e práticas sociais contínuos como base das tradições sociais¹⁷. Nesse sentido, na medida em que há necessidade de adaptar os costumes à dinâmica da modernidade, as tradições se adaptam para que não definham.

As tradições são inventadas segundo as necessidades decorrentes das transformações dos costumes. A importância das tradições reside na legitimidade de hábitos e costumes de gerações anteriores à do presente, seja no âmbito do cotidiano, do social ou do político. Partindo das necessidades presentes, em decorrência de um passado vivido, as tradições são elementos representativos nas práticas sociais do diálogo entre passado e futuro, que pretendem a invariabilidade em meio a um mundo em constante transformação.

1 4 1 A Ideologia do Novo e a Crise da Memória

Os estudos a respeito dos lugares da memória de Pierre Nora¹⁸ consideram o esfacelamento da memória com a ascensão da modernidade, como responsável pela substituição do homem-memória pelos lugares de memória. Lugares de memória são espaços constituídos de representação do passado incompleto e, que segundo Pierre Nora, vivem de sua aptidão para a metamorfose, para a adequação ao presente constantemente renovado. A mídia, por exemplo, considerada por Nora como “película efêmera da atualidade”¹⁹, tende a enfatizar o novo a medida em que lança periódicos estabelecendo uma relação temporal que torna todo anterior às novas notícias, passado. O passado, neste contexto, é percebido como uma apropriação de algo que não pertence mais ao presente. Nesta perspectiva, Pierre Nora afirma não haver mais manifestações da memória, em decorrência essa se relacionar à vida, a algo que emerge de um grupo que a une, como estipulado por Halbwachs em suas reflexões sobre a memória coletiva²⁰.

Ulpiano Meseses em seu texto a respeito da crise da memória no período contemporâneo, considera a ênfase à ideologia do novo como consequência da cultura capitalista, que valoriza o

¹⁶ HOBBSAWM, E. *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

¹⁷ *Ibid*

¹⁸ NORA, P. Entre Memória e História. A Problemática dos Lugares. *Projeto História*, São Paulo, n.10, p.7-28, dez 1993.

¹⁹ NORA, P. *Op.cit*, p.8

²⁰ *op.cit*.

moderno. As inovações e mudanças se fazem presente nesse contexto, de forma tão dinâmica que passa a serem não-percebidas, ou até mesmo esperadas. Os indivíduos se focam nas inovações, contínuas e que marcam descontinuidades. Essa consideração é posta considerando o alto fluxo de informações diárias tornam os indivíduos hiperinformados, que no entanto, impossibilitados de refletir a respeito daquelas devido à dinâmica da rotina, os tornam também alienados, na medida em que não pensam, só percebem. Métodos tradicionais de conservação da memória, como busca da permanência dos eventos tradicionais de uma sociedade, tornam-se assim obsoletos²¹.

1 4 2 Memória, Tradição e Identidade

Le Goff considera a importância da memória como elemento que auxilia na busca pela identidade social ou coletiva²². O co-relacionamento de dois conceitos como memória e identidade, é complexo na medida em que ambos são marcados pela dinâmica de adaptação às necessidades presentes com fim de estabelecer continuidades.

Lacan, intelectual estruturalista, relaciona o consciente e o inconsciente freudiano, na ordem do discurso. A construção da identidade pessoal, segundo Lacan, é resultado da apropriação de sua própria imagem no outro²³. Nessa perspectiva, as ciências humanas convergem a consideração de que “toda identidade se define em relação a algo que lhe é exterior, ela é uma diferença”²⁴, como afirma Renato Ortiz.

A percepção contemporânea de identidade é bastante discutida. Stuart Hall em seu livro, *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*, considera que a modernização e a integração global, fragmenta o indivíduo moderno em diferentes grupos identitários, abalando a auto-percepção do indivíduo como sujeito²⁵. A proposta de Hall é discutir a suposta crise da identidade na modernidade tardia e , para tanto, expõe os principais entendimentos de identidade da História Moderna Ocidental.

A identidade do sujeito do iluminismo percebe o indivíduo como elemento central, relevando sua racionalidade, sua consciência para a ação. Marx, ao colocar uma percepção social do sujeito, marca a noção sociológica de identidade que a estabelece como resultado da interação do indivíduo e a sociedade. Para Hannah Arendt, a modernidade e o pensamento de Marx, inicia o

²¹ MENESES, U. T. B. A crise da memória, História e Documento: reflexões para um tempo de transformação. In: SILVA, Z. Lopes da. (org.) *Arquivos, Patrimônio e Memória: Trajetórias e Perspectivas*, São Paulo: Editora da Unesp, 1999.

²² LE GOFF, J. *História e Memória*. 5ª ed., Campinas: editora da UNICAMP, 2003, p.469.

²³ COELHO, L M S, *op.cit* , p. 169.

²⁴ ORTIZ, R. *Cultura Brasileira e Identidade Nacional*. São Paulo, Brasiliense, 2003, p.7.

²⁵ HALL, S. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. 9ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004, p.7.

período de ruptura da tradição²⁶, na medida em que há o engendramento do indivíduo ao social e, co-relacionalmente, a percepção, como estabelecida por Lacan, da identidade como resultado de representações mentais que dão à ilusão de coesão social. Nessa perspectiva, a identidade é considerada resultado de um processo em contínua formação. Na medida em que a tradição passa a ser suportada numa identidade de representações individuais móveis, perde o caráter de tradição e passa a ser invenção, re-invenção²⁷.

A ascensão da modernidade e a inerente globalização, que marca o processo que atravessa as fronteiras nacionais, dispersa a compreensão de identidade fundamentada em identidades nacionais, as quais segundo Benedict Anderson são elementos da constituição de comunidades imaginárias²⁸. Nesse contexto, a identidade cultural se associa diretamente a identidade nacional, na qual é construída a partir de discursos e práticas que estabelecem o sentido da identidade²⁹.

As fronteiras postas no nível do imaginário como resultado da percepção social de símbolos e representações convergentes à unidade nacional, com a intensificação da interação internacional fragmenta e movimenta elementos tradicionais de diferentes culturas nacionais e regionais e concomitantemente, desfaz o sentido anteriormente dado à identidade³⁰. A homogeneização cultural e a ascensão de culturais locais resultam na dialética entre o homogêneo e o fragmentário, que regem análises sobre o lugar da tradição e da identidade no contexto em que o espaço-tempo é “achatado” como decorrência das inovações da indústria tecnológica.

3 TRADIÇÕES CULINÁRIAS E PATRIMÔNIO CULTURAL

A recomendação aprovada em 1989 assim define “Cultura tradicional e popular”:
Conjunto de criações que emanam de uma comunidade cultural fundadas na tradição, expressas por um grupo ou por indivíduos e que reconhecidamente respondem às expectativas da comunidade enquanto expressão de sua identidade cultural e social; [...]³¹

A salvaguarda da cultura tradicional e popular esta no âmbito das discussões dos órgãos públicos responsáveis pelo patrimônio cultural nacional brasileiro e regionais, desde a década de 1980, acompanhando, nesse sentido, as discussões de órgãos semelhantes do contexto internacional. A inclusão do registro de Patrimônios Imateriais no Brasil, a partir do decreto federal no 3551 do ano 2000, é também resultado da demanda social que passa a questionar a legitimidade dos

²⁶ ARENDT, Hannah. *Op.cit.*

²⁷ HOBBSBAWM, E. *op.cit.*

²⁸ ver: ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas- Reflexões sobre a origem e a expansão do nacionalismo*. Lisboa, Edições 70, 2005.

²⁹ HALL, S *op.cit.*, p. 50.

³⁰ *Ibid*, p. 75.

³¹ Ver: BRASIL. Ministério da Cultura. *O Registro do Patrimônio Imaterial: Dossiê final das atividades da comissão e do Grupo de Trabalho Patrimônio Imaterial*. Brasília, 2003.

patrimônios instituídos até então, dados a partir da criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) em 1937 no Brasil.

A ação pública de salvaguarda de patrimônios nacionais está fundamentada na preservação/constituição de identidades coletivas. Desta forma, se objetivava no contexto da fundação do SPHAN, a consolidação da unidade nacional a partir de elementos culturais e práticas que visassem à constituição de uma identidade nacional. Considera-se a experiência do IPHAN, Instituto Histórico e Artístico Nacional, ao longo de suas sete décadas de história, significativa na medida em que contribui, a partir da atuação, para a percepção da maleabilidade do conceito de identidade.

O discurso institucional do patrimônio acompanha as diferentes noções de identidade, que influenciam diretamente seu alicerce: tradição, memória e história. O processo do patrimônio não acompanha o da academia, na medida em que este está situado num campo de forças em que há disputas entre interesses públicos e interesses privados, interesses sociais e interesses econômicos, como posto por Canclini³².

A memória gustativa é uma das formas de memória que representam, no nível individual, o valor da permanência de vestígios passados. O indivíduo atribui importância àquele elemento pelo o que aquilo representa para ele próprio, não há necessidade de construir um discurso para legitimar sua significância social. O patrimônio que considera elementos da memória involuntária coletiva tem sua legitimidade suportada na própria dinâmica do tradicional no social. A partir dessa percepção, as ações públicas que visam salvaguardar monumentos históricos, tendem no período contemporâneo, a consideração de elementos que expressam ou interagem com as representações presentes na memória coletiva das tradições sociais, como é o caso da inclusão do Patrimônio Imaterial no âmbito legal e prático do IPHAN no Brasil, cujo início foi marcado com o registro do modo de fazer do tradicional acarajé baiano.

3.1 MEMÓRIA GUSTATIVA E A HOMOGENEIZAÇÃO DO GOSTO

A indústria alimentícia tende desde a década de 1950, à produção em larga escala que favorece o cotidiano dos indivíduos e alimenta a indústria capitalista. É possível observar nas prateleiras dos supermercados as novas muitas ofertas de alimentos prontos, enlatados, congelados, em pó- que agem como alternativas para a necessidade de rápidas e práticas refeições. Da mesma forma, é notável a dispersão de variáveis restaurantes, tanto no condizente ao serviço, do *self*

³² CANCLINI, N G. O Patrimônio Cultural e a Construção Imaginária do Social. In: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, No 23, p. 94-115, 1994.

service por quilo³³, ao *à la carte*, e estilo *Mc Donald's*, como na oferta de produtos, da comida caseira, vegetarianos, orgânicos, comidas étnicas, por toda Curitiba. O sistema de franquias, sucesso principalmente em praças de alimentação dos *shoppings* e *drive-thrus*, desde a década de 1980 vem se expandindo no mercado gastronômico brasileiro, variando atualmente entre 80 principais redes. O quadro sócio-econômico atual favorece esse tipo de negócio, no qual enfatiza-se a rapidez no preparo- tendendo, nesse sentido, à simplificação e padronização do cardápio, seguindo os passos do precursor norte-americano, *Mc Donald's*. Nesse sentido', valoriza-se a eficácia, calculabilidade, produtibilidade e o controle³⁴, fazendo com que a cozinha se aproxime de moldes de produção industrial, ou mesmo empresarial.

A alimentação cotidiana no período contemporâneo, tende a uma prática automática de repetição e rapidez que não assimila as inovações inerentes à indústria alimentícia. O gosto tende a ser homogeneizado, devido à produção que atende à dinâmica global, incluindo também elementos fragmentários e descontextualizados de tradições culinárias regionais. Nesse sentido, o estranho que outrora era tido como elemento de identificação social é instantaneamente incluído na cultural global, o que pode resultar na adaptação da tradição num sentido que diverge da constituição da identidade social.

Para Halbwachs a história se inicia na medida em que a tradição social se perde³⁵. A partir dessa consideração é possível afirmar a relevância dos estudos de História da Alimentação, no sentido de registrar e analisar a dinâmica espaço-temporal da memória gustativa em contextos pontuais. A história da alimentação estabelece uma linha de continuidade entre o definimento da tradição, a re-invenção de tradições em que se tem a memória gustativa como fio condutor, relacionando assim à história coletiva ao patamar individual. Num contexto de crescente padronização dos sabores dos alimentos³⁶, a peculiaridade e historicidade de culinárias tradicionais se tornam significativas fontes de rememoração que conservam elementos do passado vivos em meio a sociedade contemporânea e dá conteúdo concreto a memória social.

BIBLIOGRAFIA

ABDALA, Mônica Chaves. Do tabuleiro aos *self-services*. In: Caderno Espaço Feminino, vol.13, n. 16,p. 97-118, jan/jun, 2005

³³ Ver: ABDALA, Mônica Chaves. Do tabuleiro aos *self-services*. In: Caderno Espaço Feminino, vol.13, n. 16,p. 97-118, jan/jun, 2005

³⁴ RITZER, G. *The McDonaldization of society*. London: Pine Forge Press, 1996.

³⁵ *op.cit.*p..80

³⁶ SANTOS, C.A dos. *A Alimentação...*

ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas*- Reflexões sobre a origem e a expansão do nacionalismo. Lisboa, Edições 70, 2005.

ARENDT, Hannah. *Entre o Passado e o Futuro*. 5 ed. São Paulo: Perspectiva, 2003. [1954]

BERGSON, H L. *Matéria e Memória*: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 1990

BERMAN, M. *Tudo que é sólido desmancha no ar*- A aventura da modernidade. São Paulo: Cia das Letras, 1986.

BRASIL. Ministério da Cultura. *O Registro do Patrimônio Imaterial*: Dossiê final das atividades da comissão e do Grupo de Trabalho Patrimônio Imaterial. Brasília, 2003.

CANCLINI, N G. O Patrimônio Cultural e a Construção Imaginária do Social. In: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, No 23, p. 94-115, 1994

COELHO, Lúcia Maria Salvia. Imagens da Memória: na prova de Rorschach e na obra de Proust. Imaginário. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2, p. 47-62, 1994

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. 9ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004

HOBBSAWM, Eric. *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 5ª ed., Campinas: editora da UNICAMP, 2003

ORTIZ, Renato. *Cultura Brasileira e Identidade Nacional*. São Paulo, Brasiliense, 2003

NORA, Pierre. Entre Memória e História. A Problemática dos Lugares. Projeto História, São Paulo, n.10, p.7-28, dez 1993

REVEL, JEAN-FRANÇOIS. *Um Banquete de Palavras*. SP: Cia das Letras, 1996.

SANTOS, C. R. A dos, *Por uma história da alimentação*. História: Questões & Debates, Curitiba, v.14, n 26/27, p.154-171, jan/dez, 1997

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos Santos. *Memória Coletiva e Teoria Social*. São Paulo: Annablume, 2003